

# O DESENVOLVIMENTO E SUAS PERSPECTIVAS: UMA ANÁLISE CRÍTICA SOBRE DIFERENTES FORMAS DE CONSTRUÇÃO TEÓRICA<sup>1</sup>

Larissa Welane Moreira de Jesus<sup>2</sup>

## RESUMO

Os ideais desenvolvimentistas ganharam espaço no mundo partindo de teorias formuladas e provenientes de uma experiência majoritariamente ocidental que dita regras e estrutura nações entre desenvolvidas e subdesenvolvidas na dinâmica internacional. Considerando o papel que as teorias têm de construir imaginários e moldar realidades, se leva em conta a necessidade de análise sobre a construção do conceito de desenvolvimento e sua aplicabilidade em contextos diferentes aos quais se baseia para criar seus pressupostos. O presente artigo se propõe a analisar tal construção diante aportes críticos atentando em como a avaliar, a luz dos vieses teóricos explicativo e normativo. Através do método taxonômico foi argumentado o subsídio do argumento de etapas a serem seguidas em conjunto com o que é necessário para se alcançar o desenvolvimento, a exportação de um modelo de forma unilateral, e o subdesenvolvimento como um processo que desvaloriza e invisibiliza experiências e conjunturas externas ao ocidente.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento social; relações internacionais - filosofia.

## ABSTRACT

Developmentalist ideals have gained space in the world based on formulated theories and coming from a mostly Western experience that dictates rules and structures nations between developed and underdeveloped in international dynamics. Considering the role that theories play in building imaginaries and shaping realities, the need for analysis on the construction of the concept of development and its applicability in different contexts on which it is based to create its assumptions is taken into account. This article proposes to analyze such construction in the face of critical contributions, paying attention to how to evaluate it, in the light of explanatory and normative theoretical biases. Through the taxonomic method, the subsidy of the argument of steps to be followed together with what is necessary to achieve development, the export of a model unilaterally, and underdevelopment as a process that devalues and makes experiences and conjunctures invisible external to the West.

**Keywords:** International relations - philosophy; social development.

---

<sup>1</sup> Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao curso de Bacharelado em Relações Internacionais da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Juliana Mércia Guilherme Vitorino.

<sup>2</sup> Bacharela em Humanidades e graduanda em Relações Internacionais pela UNILAB.

## 1 INTRODUÇÃO

De maneira geral, as teorias podem ser entendidas como um conjunto de ideias sistematizadas que visam explicar ou entender algo. Tais teorias surgem e podemos utilizá-las como lentes, uma forma de se entender e interpretar o mundo a nossa volta, assim como seus eventos. Nas palavras de Popper (2004) “as teorias são redes, lançadas para capturar aquilo que denominamos "o mundo"; para racionalizá-lo, explicá-lo, dominá-lo” (POPPER, 2004, p. 61).

Na Ciência Política, para Dowding (2015) existem três tipos de teorias mais relevantes: “Primeiro, teorias da perspectiva, que nos levam a examinar o mundo de certas maneiras; segundo, teorias explicativas, que tentam explicar o mundo; e terceiro, teorias normativas, que tentam dizer como o mundo social deve ser organizado” (DOWDING, 2015, p. 70)

O mundo empírico como conhecemos apresenta diferentes realidades e contextos no que se refere às inúmeras localidades existentes no globo terrestre. Dentre tais realidades, aspectos particulares como cultura, sociedade, passado histórico se mostram evidentes e não devem ser invisibilizados. Contudo, as teorias realizando sua prerrogativa inicial de tentar traduzir de maneira genérica os acontecimentos, muitas das vezes não levam em consideração tais especificidades, suprimindo questões importantes e cruciais inerentes a um determinado espaço ou território. É o que acontece com o que se entende por desenvolvimento e sua base teórica clássica: este aporte teórico será suporte para a proposta desta breve discussão, tendo em conta a necessidade de análise sobre sua construção e sua aplicabilidade em contextos diferentes aos quais ela se baseia para criar seus pressupostos.

Tendo isto em vista, a análise pretendida aqui alinha-se na perspectiva de uma breve discussão sobre as bases do desenvolvimento pensando o caráter explicativo e normativo de suas teorias; usando o método qualitativo baseado na verificação destas categorias a partir de um esquema taxonômico descritivo de forma a mobilizar os conceitos/termos pertinentes. Na primeira seção discuto sobre o conceito geral de desenvolvimento considerando o viés ocidental. Em seguida, apresento e discorro sobre as categorias citadas. Após, apresento o método e o aplico nas categorias

propostas; para na última seção refletir sobre os achados diante uma análise mais crítica e reformulada do desenvolvimento.

## **2 UM RECORTE SOBRE O DESENVOLVIMENTO**

Por via de regra as palavras servem para expressar ideias, sendo uma forma de representar o pensamento humano atribuindo significado as coisas a nossa volta. Pensando o campo teórico como um meio de disseminação intenso de palavras e significados, este por vezes determina genericamente como se entender determinados eventos. Partindo desse princípio, as teorias refletem os significados contidos nas palavras, e a junção destas constroem ideias que podem perpetrar no imaginário social. As palavras seriam um dos pontos de partida na criação da nossa realidade, sendo assim se faz importante prestar atenção na construção de determinados conceitos e no que eles implicam, o que se aplica referindo-se a este trabalho ao termo “desenvolvimento”.

O conceito de desenvolvimento surge da biologia, proposto como o processo de evolução dos seres vivos juntamente com suas potencialidades genéticas. A partir de Darwin, tal palavra passou a ter uma concepção ligada a ideia de transformação, colocada como um movimento na direção da forma mais apropriada. Um organismo se desenvolveria na medida em que progredisse em direção a sua maturidade biológica. A transposição da biologia para a vida social ocorreu no século XVII e se consolidou com o darwinismo social, que ditava que o progresso, a expansão e o crescimento não eram virtudes intrínsecas e inerentes a todas as sociedades humanas, mas sim específicas de algumas sociedades ocidentais (SANTOS et al. 2012, p. 46).

Para Bolsanello (1996) “a vida na sociedade humana é uma luta "natural" pela vida, portanto é normal que os mais aptos [...] tenham sucesso, fiquem ricos, tenham acesso ao poder social, econômico e político; da mesma forma, é normal que os menos aptos fracassem, não fiquem ricos, não tenham acesso a qualquer forma de poder” (BOLSANELLO, 1996, p. 154), o que garantia uma espécie de trato evolutivo para aqueles que de alguma forma almejassem crescer e/ou se destacar.

Tal crescimento e destaque refletiriam também na lógica dos Estados tendo em vista a inserção destes no modelo capitalista. Não descartando o aspecto civilizacional, cada vez mais o ideal de desenvolvimento esteve ligado à esfera econômica conforme o passar do tempo, sendo que

A partir do século XVIII, o sucesso industrial do *laissez-faire* britânico comprovou a superioridade das políticas de mercado livre e de livre-comércio [...] a Grã-Bretanha superou a França intervencionista, sua principal rival na época, elevando-se à categoria de maior potência econômica do planeta. E teve condições de assumir o papel de arquiteto hegemônico da nova ordem econômica "liberal" mundial [...] (CHANG, 2004, p. 30)

Isto, intensificaria a difusão desta nova visão de desenvolvimento. Diante o alavancamento das políticas liberais econômicas, o desenvolvimento antes interpretado de maneira a visar o progresso a partir de atributos biológicos, passa a ser vinculado mais intensamente a ideia de acúmulo de riquezas e crescimento industrial tecnológico. Santos et al. (2012) afirma que para introduzir o desenvolvimento como um importante fenômeno para a consolidação do sistema capitalista, os trabalhos de Adam Smith (1776), Thomas Malthus (1798), David Ricardo (1817) e Karl Marx (1867) foram deveras importantes. Entretanto, foi na década de 1940 que o desenvolvimento passa a ser considerado como objeto de pesquisa científica com o nascimento da Economia do Desenvolvimento. Sendo construído diante desta “todo um arcabouço teórico e metodológico para descrever e promover o desenvolvimento como algo próximo a uma sociedade industrial, urbana e detentora de riqueza, por meio de acúmulo de renda monetária” (SANTOS et al. 2012, p. 47).

De uma maneira geral, grande parte dos trabalhos envolvidos com o ramo da Economia do Desenvolvimento indicariam um tipo de modelo a se seguir para se alcançar o desenvolvimento uniformizando tais formas. Nesse sentido, o caráter positivista dessa nova vertente pode ser discutido. O positivismo se apresenta como um método “hierarquizado de fórmulas empiricamente verificáveis” (SAÉZ, 2013, p. 21), conhecido como uma ciência dura, mais fechada e neutra que uniformizaria e generalizaria as maneiras de se organizar um conhecimento. Dessa forma as teorias clássicas de cunho desenvolvimentistas seguiriam esta mesma lógica hierárquica de

se pensar o avanço dos Estados. Propostas clássicas como a de “decolagem”<sup>3</sup> de Walt Whitman Rostow e a de “crescimento equilibrado”<sup>4</sup> de Ragnar Nurkse, montam um passo a passo a ser seguido diante o objetivo principal: o desenvolvimento, sendo este último “visto como a força motriz capaz de conduzir uma sociedade atrasada à uma sociedade avançada” (SANTOS et al. 2012, p. 48).

Vários autores discorrem sobre a temática do desenvolvimento a partir de diversos pontos e referenciais contidos em teorias explicativas. Tal desenvolvimento como conhecemos hoje é fruto de um longo caminho percorrido desde a segunda metade do século XX, no pós Segunda Guerra, até os tempos atuais. Após a última Grande Guerra o que a princípio era visto como progresso, ligado ao acúmulo de riquezas mantido no modelo mercantilista, passa a ser frisado como desenvolvimento a partir da instauração do capitalismo. Neste momento a antiga ordem mundial baseada em políticas de estado imperialistas imposta por países da Europa, sofre uma interrupção com as independências de antigas colônias, que passam a fazer parte da nova organização mundial.

De acordo Melo (2022) “o debate mais intenso sobre a “teoria do desenvolvimento” se deu entre as décadas de 1950 e 1970, principalmente ligadas aos teóricos da escola liberal – representando maior impacto as teorias de Walt Rostow – e aqueles teóricos críticos da ideia hegemônica sobre desenvolvimento, representados pelas escolas cepalina, da dependência e pós/ descoloniais” (MELO, 2022, p. 42). A partir desta nova organização, as potências ocidentais já firmadas anteriormente passam a serem reconhecidas como desenvolvidas, por já apresentarem um percentual industrial e econômico mais sólido pleiteado às custas de suas antigas colônias. Já os Estados recém-formados adentram a categoria de subdesenvolvidos por não possuírem tais atributos. Borja (2013) reforça que a “perspectiva do atraso pautada por uma ideologia do progresso linear e convergente entre as distintas nações do mundo capitalista marca definitivamente a economia do

---

<sup>3</sup> “Considerado a fase em que a economia está ingressando na economia moderna, pautada pela industrialização em setores estratégicos da economia. Está munida por pré-requisitos (aumento da produtividade, a industrialização amparada por dois ou mais setores estratégicos e investimentos externos), que são essenciais para possibilitar a passagem da etapa das pré-condições para a da decolagem” (Rostow apud Gumiero, 2011, p. 71).

<sup>4</sup> “Consiste na ampliação do tamanho do mercado interno, por meio de incentivos aos investimentos em todos os setores da economia. [...] O crescimento equilibrado é incentivado pela ampliação do mercado interno em paralelo com o aumento dos investimentos dos empresários (no mercado interno). O equilíbrio estacionário do subdesenvolvimento é desfeito quando o investimento é aplicado em diferentes ramos da produção, o que conduz a dilatação do mercado total” (Nurkse apud Gumiero, 2011, p. 56-60).

desenvolvimento nascida no imediato pós-guerra” (BORJA, 2013, p. 120), sendo assim, a noção de hierarquia ordenada pelo novo sistema (eurocêntrico) apresentado reflete no que se é produzido teoricamente denotando as regras a serem seguidas para se alcançar o desenvolvimento.

Com o passar dos anos, como forma de contrapor as criações normativas eurocêntricas, novas teses e conceitos surgiram com o intuito de romper alguns critérios pré-estabelecidos. A teoria do sistema mundo de Wallerstein é uma delas, e em 1997 o autor afirma crer “que nos encontramos num momento de bifurcação fundamental no desenvolvimento do sistema mundial. [...] não obstante, o discutimos como se se tratasse de uma transição ordinária no leito de uma evolução quase predestinada” (WALLERSTEIN, 1997, p. 249). Tal predestinação seria colocada a partir de um modelo único disseminado através do viés ocidental, o que Stuenkel traduz por meio do conceito de ocidentocentrismo. De acordo Stuenkel (2018)

o ocidentocentrismo presume que o Ocidente é fundamentalmente diferente de qualquer outra coisa, e produziu a premissa intelectual que divide o mundo entre o Ocidente e o resto (ou centro e periferia). Isto rebaixa o “resto” a um agrupamento cuja característica principal é sua alteridade, isto é, o fato de não serem ocidentais (STUENKEL, 2018, p. 41).

Tendo em vista tais formulações críticas ao modelo ocidental pautado estritamente no capitalismo que demarca o que se entende por desenvolvimento, a principal problemática encontrada diante este sistema se vale no que se refere a construção teórica de um conceito que elabora um modelo de se chegar a um determinado ponto. Ponto este, muita das vezes inalcançável por aqueles que não compartilham e/ou compartilharam das mesmas vivências ou realidades a priori requeridas. A construção teórica para tal padrão se faz tão hegemônica quanto o eixo que a dissemina, o que conseqüentemente submete e dificulta o crescimento daqueles aos quais tal padrão invisibiliza e ao mesmo tempo cobra eficiência.

Países não emergem as mesmas bases para se ter um único modelo de desenvolvimento que englobe e satisfaça todos. Assim, o aporte teórico que o fundamenta necessita de uma cautelosa observação e ingerência sobre sua aplicação.

### 3 SITUANDO CATEGORIAS

Compreendendo que as teorias sugerem oferecer entendimento sobre como o mundo funciona e que estas por muitas vezes delineiam o modo como sociedades lidam em determinados espaços, as categorias teóricas mencionadas na introdução servirão para embasar um breve debate a respeito da própria construção teórica em torno do conceito de desenvolvimento. A contribuição das categorias se dará na perspectiva de analisar o reflexo social que o debate teórico pode gerar ao se ter um conceito criado em um espaço tempo específico, levado e imposto a outros contextos com outras conformações e vivências.

Nesse sentido, é importante ter em mente o que cada categoria preconiza a priori. No caso das teorias explicativas, estas cumprem o seu papel explicativo introduzindo hipóteses sobre a existência de objetos e processos que não são acessíveis em observação direta, que seriam as possíveis causas dos fenômenos (CHIBENI, 2014). Assim como, para Dowding (2015) as teorias explicativas “são aquelas que produzem logicamente previsões ou hipóteses que, em princípio, e geralmente na prática, são testáveis” (DOWDING, 2015, p. 78). Em outras palavras, esse tipo de teoria precisa de suposições iniciais diante de um determinado acontecimento, que devem ser aferíveis. A teoria newtoniana pode ser um exemplo aplicado a essa categoria, tendo em vista que ela explica a trajetória dos planetas ao redor do sol e orienta essa engenharia (LIST E VALENTINI, 2016).

No que diz respeito a teoria normativa, de maneira mais apurada esta “desenvolve-se com base em proposições que se apresentam como julgamentos avaliativos que podemos [...] sujeitar a um exame racional” (VITA, 2017, p. 95-96). Descrevendo de forma mais ampla, teorias normativas tentam dizer como o mundo social deve ser organizado, ela traz relatórios detalhados de ordenação, padrões e como segui-los (DOWDING, 2015). Um exemplo conhecido de teoria normativa ainda de acordo Dowding (2015) é a teoria utilitarista, que pondera sobre a moral e as consequências de ações praticadas. Como afirma Esteves (2002) “o utilitarismo é uma teoria sobre o valor moral das ações individuais e se caracteriza pelo que os autores chamam de consequencialismo. De acordo com o utilitarismo, o valor moral de uma ação é uma função das consequências boas ou más, mais exatamente, da felicidade

ou infelicidade que ela produz ou tende a produzir” (ESTEVES, 2002, p. 81-82). É uma teoria que dita como a sociedade haveria de se portar em prol da felicidade coletiva.

Tendo em vista o já citado por Dowding (2015) sobre alguns tipos de teorias existentes, fazendo um exercício de reflexão, podemos considerar que uma teoria pode ser analisada através de mais de uma linha, podendo assumir tanto um viés explicativo como normativo dando importância a sua aplicação. Dessa forma, podemos entender o viés o explicativo denotando sobre como as explicações são sustentadas, buscando saber se estas são mais gerais ou específicas, e o normativo sugerindo expor como que o argumento sustentado pela teoria deve ser colocado nas realidades.

Consoante a isso, como afirmam List e Valentini (2016) na construção teórica também é desejável buscar conceitos com certas condições definidoras. Neste caso, as teorias do desenvolvimento tenderam por muito tempo a firmar suas condições baseadas em alguns pressupostos básicos dentre os quais três foram escolhidos a serem trabalhados nesta análise, se tratando dos termos: recurso, tecnologia e progresso; escolhido levando em consideração a prévia noção hierárquica pautada em etapas requerida pelo que se entende de desenvolvimento. O encadeamento dos termos será analisado posteriormente.

#### **4 METODOLOGIA**

Como já mencionado, outras formas de se encarar o desenvolvimento foram pensadas com o passar do tempo, o que proporcionou uma visão mais ampliada do processo desenvolvimentista para além do direcionamento ocidental pré colocado. Dentro dessas mudanças a evolução do conceito de desenvolvimento também pode ser observado através da estruturação das duas categorias descritas na sessão anterior. É possível vislumbrar as concepções promovidas diante uma análise dentro dos dois vieses teóricos, explicativo e avaliativo. Dessa forma, para tal análise será utilizado o esquema taxonômico descritivo.

O termo taxonomia descende do grego taxis=ordem e onoma=nombre e derivou-se de um dos ramos da Biologia que trata da classificação lógica e científica dos seres vivos” (VITAL e CAFÉ, 2011, p. 122). A taxonomia como método, se torna



importante em trabalhos teóricos porque consegue organizar não apenas o fluxo de pensamentos e reflexões do/a teórico/a que escreve como também sistematiza conceitos e facilita que observemos suas aplicações. Quando formamos um quadro taxonômico, o que buscamos é sintetizar a complexidade teórica, dando também as condições para que interpretações e aplicações das teorias sejam evidenciadas e nos conduzam a uma leitura crítica, tal qual se propõe no trabalho.

Aqui, a taxonomia será utilizada por ser uma forma de visualizar melhor as categorias a serem analisadas diante a discussão sobre a Teoria do Desenvolvimento. A aplicabilidade do modelo descrito diante o que será formulado nesta pesquisa se estruturará num esquema com as etapas para construção taxonômica (vide figura 1) que segundo Vital e Café (2012, p. 07) devem conter:

1. Estabelecimento das categorias gerais;
2. Coleta dos termos;
3. Análise dos termos selecionados;
4. Controle da diversidade de significação;
5. Construção dos relacionamentos semânticos.

**Figura 1** - Esquema taxonômico da Teoria do Desenvolvimento



Fonte: A autora.

O estabelecimento das categorias gerais (explicativa e normativa) seriam o ponto inicial da análise pretendida, pois a partir destas serão feitas as análises vinculadas a categoria principal: a Teoria do Desenvolvimento. Os termos seriam as unidades teóricas de análise dentro das categorias gerais. Na taxonomia geralmente há uma espécie de hierarquia entre etapas, por conta disso os termos foram elencados de forma escalada. A análise seguiria de forma a mostrar cada um dos termos citados anteriormente dentro de cada categoria geral específica. Os termos serão os mesmos nas duas categorias, porém, estes se conformarão de acordo ao grupo em questão que estiverem inseridos.

Com relação ao controle da diversidade de significação a preocupação maior é a de que a teoria que serve de base não seja ampla demais a ponto de se perder e não dar conta de sua própria explicação, ou restrita a ponto de não funcionar, o que não julgo ser o caso da Teoria do Desenvolvimento. Por fim, a construção dos relacionamentos semânticos serve para reiterar que o conjunto de conceitos deve fazer sentido entre si dentro da teoria.

## 5 REFLEXÕES E RESULTADOS

As teorias do desenvolvimento construíram conhecimento principalmente sobre o mundo ocidental “desenvolvido” como padrão a ser alcançado e lugar que conquistou a primazia de falar pelos demais, sobretudo pelos referenciados como subdesenvolvidos, não desenvolvidos ou em vias de desenvolvimento<sup>5</sup>. Para Melo (2022) tais teorias

elaboradas nos contextos anglo-saxônico e europeu, buscavam localizar e analisar os obstáculos existentes à implantação da modernidade ocidental nas sociedades periféricas. Para isso, procuravam instrumentalizar formas de atuação capazes de almejar os resultados desejados dentro da perspectiva do desenvolvimento, no intuito de aproximar cada sociedade existente,

---

<sup>5</sup> “Tal polarização entre desenvolvidos e subdesenvolvidos, foi referenciado por Truman no seu discurso em 20 de janeiro de 1949, relativo ao “ponto quatro” em que afirmou: “Faz-se necessário lançar um novo programa que seja audacioso e que ponha as vantagens de nosso avanço científico e de nosso progresso industrial a serviço da melhoria e do crescimento das regiões subdesenvolvidas. Mais da metade das pessoas em todo o mundo vive em condições vizinhas a da miséria. Não têm muito o que comer. São vítimas de enfermidades. Sua pobreza constitui uma desvantagem e uma ameaça, tanto para elas quanto para as regiões mais prósperas”. Ou seja, as nações modernas tinham a responsabilidade em interferir e levar os progressos que a sociedade ocidental experimentou ao longo dos séculos, estando o intuito civilizatório implícito nas propostas de cooperação para o desenvolvimento, entre o Norte global e a periferia” (MELO, 2022, p. 43).

independente de seus contextos, em “sociedades de consumo em massa” imaginadas como fim em si mesmas (MELO, 2022, p. 42).

Assim, o ocidente foi colocado diante do cenário internacional como a principal fonte de teorização sobre as formas de vida e tornou-se a principal fonte que nos informa sobre como lidar com transformações e como resolver problemas. Mas será que tais resoluções propostas pela produção teórica desenvolvimentista são realmente aplicáveis em qualquer contexto, sob qualquer circunstância?

Observando pelo viés explicativo, se discute que modelos não haveriam de ser verdadeiros ou falsos, somente mais úteis ou menos úteis (DOWDING, 2015). Dessa forma, a utilidade haveria de se denotar em como as explicações são sustentadas e sua abrangência. O cerne das teorias clássicas do desenvolvimento explica que para se conseguir chegar no lugar de destaque tão almejado, é primário ter determinadas características e seguir um determinado caminho, como é amparado por Rostow (1974) em suas cinco etapas para o desenvolvimento<sup>6</sup>. Os argumentos são sustentados de maneira bem específica, destringindo os passos para se chegar ao tão cobiçado desenvolvimento.

Ainda nessa lógica explicativa de utilidade, os recursos são importantes pois é a partir deles que são gerados insumos que serão processados pelos meios tecnológicos, traduzidos em técnicas industriais, que direcionam o progresso das nações de maneira linear. Em uma de suas explicações sobre o processo de decolagem Rostow (1959) afirma

a decolagem consiste, em essência, de uma realização de um rápido crescimento em um limitado grupo de setores, onde as modernas técnicas industriais eram aplicadas. Historicamente, os principais setores da decolagem têm variado dos têxteis (Grã-Bretanha e Nova Inglaterra); das ferrovias (Estados Unidos, França, Alemanha, Canadá, Rússia); das serrarias modernas e ferrovias (Suécia). Em adição, do processamento agrícola, do petróleo, da substituição de importações industriais, da indústria naval e da rápida expansão em produção militar que tem ajudado a prover o surgimento industrial inicial (ROSTOW, 1959, p. 07).

É notável que, para que o progresso advindo das técnicas industriais tecnológicas seja efetivado, recursos como tecido, madeira e ferro sejam mobilizados nos setores descritos.

---

<sup>6</sup> “a sociedade tradicional, as precondições para o arranco, o arranco, a marcha para a maturidade e a era do consumo em massa” (ROSTOW, 1974, p. 15).

O que é para ser entendido/explicado é o cumprimento das etapas. No entanto, essa explicação toma como ponto de partida uma noção universalista que caracteriza uma parcela conhecida como Sul Global como um todo homogêneo que precisa ser totalmente reformado e modificado (MELO, 2022) tendo como referência a lógica ocidental.

No viés normativo a sugestão é de apresentar como que o argumento sustentado pela teoria deve ser colocado nas realidades. Nesse caso, os termos traduzem o que é necessário ter para se alcançar o desenvolvimento. É preciso ter recurso para ser explorado, deter tecnologia para laborar tais recursos e ir de encontro ao progresso. A exploração dos recursos naturais e a necessidade de um progresso tecnológico são pontos essenciais, como sinaliza Abrahamsen apud Melo (2022) “Estabeleceu-se a divisão no contexto internacional entre nações “desenvolvidas” (ricas) e “subdesenvolvidas” (pobres), das quais as primeiras seriam detentoras do progresso científico-tecnológico e fruto de uma sociedade do consumo, enquanto a segunda estaria representada pelo “atraso” econômico, cultural e pela desigualdade social” (ABRAHAMSEN apud MELO, 2022, p. 43). Dessa forma, as nações pobres devem seguir as normas, os padrões impostos, para em dado momento alcançar as nações ricas. Entretanto, mais uma vez, as regras são colocadas de maneira unilateral levando em consideração a maneira como processos deram certo num determinado contexto e exportando-o para os demais.

Diante o exposto, trazendo uma melhor forma de visualização da análise proposta, o Balanço Analítico da Teoria do Desenvolvimento (vide figura 2) pretende resumir de uma forma geral a avaliação dos vieses explicativo e normativo diante os termos discutidos.

**Figura 2 - Balanço Analítico da Teoria do Desenvolvimento**

<b>Teoria do Desenvolvimento - Balanço analítico</b>		
Viés Explicativo	Termo de Vinculação	Análise
<b>DENOTA COMO AS EXPLICAÇÕES SE SUSTENTAM: SUBSIDIA O ARGUMENTO DAS ETAPAS A SEREM SEGUIDAS; EXPLICAR QUE O DESENVOLVIMENTO FUNCIONA ATRAVÉS DO CUMPRIMENTO DE ETAPAS</b>	<b>RECURSO</b>	é importante pois é a partir dele que são gerados insumos a serem processados
	<b>TECNOLOGIA</b>	processa os recursos através de técnica industrial da maneira mais eficiente possível
	<b>PROGRESSO</b>	direcionado e alcançado pelos passos anteriores, principal objetivo
Viés Normativo	Termo de Vinculação	Análise
<b>SUGERE APRESENTAR COMO QUE O ARGUMENTO SUSTENTADO PELA TEORIA DEVE SER COLOCADO NAS REALIDADES; TERMOS TRADUZEM O QUE É NECESSÁRIO TER PARA SE ALCANÇAR O DESENVOLVIMENTO E COMO ISSO DEVE SER FEITO</b>	<b>RECURSO</b>	necessário para dar início ao ciclo, sem recurso não há o que ser laborado posteriormente
	<b>TECNOLOGIA</b>	necessária para laborar os recursos de forma prática otimizando a produção
	<b>PROGRESSO</b>	deve ser alcançado, principal objetivo

Fonte: A autora.

Esse balanço demonstra os vieses teóricos, os termos e a análise atribuída a cada termo dentro dos vieses.

Correspondendo a análise teórica, é importante salientar que na medida em que a noção de desenvolvimento foi se desenrolando como um processo atravessado pelas nações ocidentais para as não ocidentais, as conjunturas sociais e culturais pertencentes a estas sociedades foram totalmente desvalorizadas e invisibilizadas, promovendo cada vez mais a vinculação do termo subdesenvolvido a tais localidades. Para Furtado (2003) “desenvolvimento e subdesenvolvimento devem ser considerados dois aspectos de um mesmo processo histórico, ligado à criação e à forma de difusão da tecnologia moderna” (FURTADO, 2003, p. 88) Furtado afirma isto quando em seu livro “Raízes do Subdesenvolvimento” discute sobre como para países ditos subdesenvolvidos é difícil reproduzir as experiências incitadas pelos países desenvolvidos, o que reafirma a complexidade presente no intercambio de modelos, sem a devida atenção a processos sociais e culturais.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar os vieses teóricos proporcionou uma avaliação do conceito de desenvolvimento dentro do escopo explicativo mostrando que os termos escolhidos serviram para subsidiar o argumento das etapas a serem seguidas, ou seja, se fazer entender/explicar que o desenvolvimento funciona através do cumprimento das etapas. Já no escopo normativo, foi possível observar que os termos servem para sinalizar o que é necessário se ter para alcançar o desenvolvimento e como isso deve ser feito.

A ideia de desenvolvimento ainda se pauta em premissas comuns às grandes economias do mundo capitalista, não levando em conta aspectos específicos dos povos, causando distorções que em nada se assemelham a processos benéficos. Nesse sentido é importante se atentar com relação a construção e uso de conceitos tendo em vista no que estes podem simbolizar e implicar. Se faz significativo considerar o contexto em que tais premissas são elaboradas e para quem/onde elas se direcionam.

O desenvolvimento, aquilo que haveria de ser moldado para viabilizar o avanço social, transforma-se numa competição desigual, uma corrida. Onde aqueles que são deixados para trás perdem muitas vezes seu caráter comunitário, identitário, religioso e/ou ancestral, muito por conta de sua concepção teórica. Concepção esta que em seu bojo carrega conjecturas pautadas na hierarquização, desigualdade e massificação de consumo.

## REFERÊNCIAS

BOLSANELLO, Maria Augusta. **Darwinismo social, eugenia e racismo “científico”**: sua repercussão na sociedade e na educação brasileira. Educar em Revista, n. 12, p. 153165, 1996.

BORJA, Bruno. **A formação da teoria do subdesenvolvimento de Celso Furtado**. Rio de Janeiro, UFRJ, 2013.

CHANG, Ha-Joon. **Chutando a escada**. Unesp, 2004.

CHIBENI, Silvio. **A avaliação das teorias científicas**. Disponível em <<https://www.unicamp.br/~chibeni/textosdidaticos/avaliacaoteorias.pdf>>. Acesso em 13 out. 2022)

DOWDING, Keith. **The philosophy and methods of political science**. Macmillan International Higher Education, 2015.

ESTEVES, Júlio. As críticas ao utilitarismo por Rawls. **Ethic@-An International Journal for Moral Philosophy**, v. 1, n. 1, p. 81-96, 2002.

FURTADO, Celso (2003). **Raízes do Subdesenvolvimento**. São Paulo: Civilização Brasileira.

GUMIERO, Rafael Gonçalves. **Diálogo das teses do subdesenvolvimento de Rostow, Nurkse e Myrdal com a teoria do desenvolvimento de Celso Furtado** / Rafael Gonçalves Gumiero. -- São Carlos : UFSCar, 2011.

LIST, Christian; VALENTINI, Laura. **The methodology of political theory**. 2016.

MELO, Vico. O Desenvolvimento como lógica colonial: Celso Furtado e a construção de um pensamento alternativo a partir do Sul Global. **Oikos**, v. 1, n. 3. 2022.

POPPER, Karl R. **A lógica da pesquisa científica**. Editora Cultrix, São Paulo, 2004.

ROSTOW, Walt Whitman. As fases do crescimento econômico. **A resenha da história econômica**, v. 12, n. 1, pág. 1-16, 1959.

ROSTOW, Walt Whitman. **Etapas do desenvolvimento econômico: (um manifesto não-comunista)**. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

SANTOS, Elinaldo Leal; BRAGA, Vitor; SANTOS, Reginaldo Souza; BRAGA, Alexandra Maria da Silva. **Desenvolvimento: um conceito multidimensional**. Revista DRd. 2012.

STUENKEL, Oliver. **O mundo pós-ocidental: potências emergentes e a nova ordem global**/ Oliver Stuenkel; tradução Renato Aguiar. – 1.ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

VITA, Álvaro de. Teoria política normativa e justiça rawlsiana. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, p. 93-135, 2017.

VITAL, Luciane Paula; CAFÉ, Lúcia Maria Arruda. **Ontologias e taxonomias: diferenças**. Perspectivas em Ciência da Informação, v. 16, n. 2, p. 115-130, 2011.

VITAL, Luciane Paula; CAFÉ, Lúcia Maria Arruda. **Práticas de elaboração de taxonomias: análise e recomendações**. 2012.

WALLERSTEIN, Immanuel et al. **A reestruturação capitalista e o sistema mundial**. Perspectivas: Revista de Ciências Sociais, 1997.